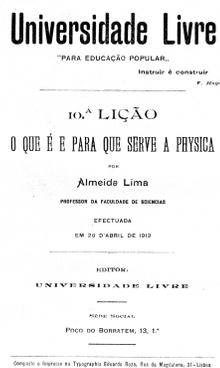


Universidade Popular Portuguesa: passado e futuro

1. O passado

A instrução popular era assim caracterizada por Alexandre Herculano no século XIX: *Entendemos por educação e instrução popular a cultivação do espírito, e não o ensino das artes fabris ou mecânicas, a que muita gente dá aquele nome. Negar o aperfeiçoamento intelectual aos homens, deixá-los na bruteza e na ignorância, é um acto ímoral, um menoscabo de deveres sagrados, e, por consequência, um crime*[4]. Nesta linha de instrução popular surgiram várias agremiações de que é justo destacar a “Voz do Operário”, nascida em Lisboa em 1883 e a Academia de Estudos Livres, também em Lisboa, em 1889.

Com a instauração da República e o seu programa de enaltecimento da cidadania viriam logo a surgir inúmeras iniciativas imbuídas do mesmo espírito generoso, algumas delas reivindicando para si uma ideia de Universidade. Foi o caso da Universidade Livre, criada em 1911 graças sobretudo a Alexandre Ferreira (1887 – 1950) (profissional de seguros e pai do poeta José Gomes Ferreira)[3].



No âmbito das actividades da Universidade Livre, foram proferidas semanalmente muitas palestras, logo publicadas, contando com colaborações diversificadas: Agostinho Fortes, Ruy Telles Palhinha, Almeida Lima, António dos Reis Silva Barbosa, Balthazar Ozorio, Arthur Ricardo Jorge, etc.; eis alguns títulos: “O Homem antes da civilização”, “O Homem como ser animal”, “O que é e para que serve a Physica”, “O objecto da Biologia”, “Prólogo à Zoologia”, “Introdução ao estudo das Plantas”, etc. Cabe perguntar se hoje em dia, com todas as facilidades de edição do começo do século XXI seria possível uma tal realização.



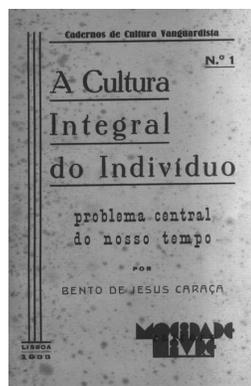
O simbolo da UPP

Um pouco mais tarde aparece a Universidade Popular do Porto (julgo que em 1918), sob o patrocínio da Renascença Portuguesa e em 1919 foi fundada em Lisboa a Universidade Popular Portuguesa (UPP), por iniciativa de António Augusto Ferreira de Macedo (1887 – 1959)[7], seguida ainda pela Universidade Popular de Setúbal, onde Bento de Jesus Caraça (1901 – 48) viria a fazer uma uma palestra em 1931, intitulada “As Universidades Populares e a Cultura”[2].



A Padaria do Povo

Instalada na “Padaria do Povo”, em Campo de Ourique, teve a UPP a sua “sessão inaugural com a presença do Chefe do Estado e do Ministro da Instrução, cabendo a leitura do discurso de abertura a Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa”[8], o que por si só aquilata quer do prestígio que inspiravam os colaboradores da UPP, quer da qualidade das pessoas à frente daquelas três instituições. Na UPP viriam a colaborar, palestrando, alguns dos maiores nomes da cultura portuguesa da época; para só citar alguns: António Sérgio, Jaime Cortesão, Rodrigues Lapa, Raul Proença, Mira Fernandes, Faria de Vasconcelos, Agostinho da Silva, Vieira de Almeida, Cirilo Soares, Moisés Amzalak, Leite de Vasconcelos, Mendes Correia, Virgínia de Castro Almeida, Aurélio Quintanilha, Azeredo Perdigão e dezenas de outros; Bento de Jesus Caraça destinaria à Universidade Popular Portuguesa, em 1933, a sua mais famosa conferência: “A Cultura Integral do Indivíduo”.



Constituiu a UPP um lugar de tolerância e construtiva controvérsia como convém naturalmente a uma Universidade e a essas características não será alheio o facto de contar no seu Conselho Administrativo um variado e equilibrado espectro de personalidades — professores, operários, tipógrafos — entre elas o então jovem Bento de Jesus Caraça, cuja amizade com Ferreira de Macedo se firmaria então definitivamente. Foi porém a partir de 1928 que Bento de Jesus Caraça daria novo vigor à UPP, fixando no final da já referida palestra feita em Setúbal as balizas da Universidade Popular Portuguesa:

O seu ensino não deve cristalizar em certas fórmulas, se isso acontecer, tornar-se-ão obstáculos ao progresso. Devem constituir, por assim dizer, a vanguarda do ensino e a sua acção, sem contrariar a da Escola, deve ser complemento dela.

A sua utilidade e justificação da sua existência está nas possibilidades de libertação espiritual que der às massas trabalhadoras.

Às organizações sindicais cabe um papel enorme nesse trabalho de libertação, promovendo intensamente a cultura dos seus membros.

A emancipação futura da humanidade será o resultado da união de todos os esforços individuais e colectivos orientados pelos mesmos ideais.

Naturalmente que a questão da definição dos objectivos e características de uma Universidade Popular foi na época assunto de inúmeros debates ou não fosse “a educação do povo uma dessas ideias que constantemente são sofismadas e atraícoadas” como bem disse Ferreira de Macedo numa das muitas conferências que dedicou ao assunto, de que destacamos duas: uma, sobre a “A Educação Moral dos Trabalhadores” [5], em que se historiavam as Universidades Populares, seria proferida na Universidade Livre, animada pelo seu amigo Alexandre Ferreira; outra, donde retirámos aquela citação, intitulada “A Educação do Povo” [6] *não viria a ser proferida* na Sociedade “Voz do Operário”, em 1945, adivinhe o leitor porquê...

O texto desta última palestra, condimentado pelo tempo, é elucidativo do ideal de Ferreira de Macedo:

Tudo se pode resumir no seguinte: temos que forjar uma nova humanidade, e o novo homem, o homem de amanhã, não será apenas o animal humano, belo e são, a quem uma nova orgânica social assegurará uma vida material segura e desafogada, livre finalmente de toda a opressão económica e política; será também — será sobretudo — um ser moral e social que tem a consciência do que é, e do que significa na vida universal (tanto quanto o permita o estado da Ciência e da Filosofia) um ser com entusiasmo e fé no progresso da comunidade, e a vontade e a capacidade de lutar por esse progresso. Eis aqui, sinteticamente expresso, o meu ideal de educação do povo.

Na sociedade em que vivemos, dominada pelo dinheiro, parece-nos pelo menos idílica esta visão, mas por aí mesmo aferiremos a imensidão do que nos falta fazer; por outro lado e infelizmente soam-nos actualíssimas estas palavras ainda cheias de futuro:

[...]todo o ensino oficial no nosso país está viciado, de alto a baixo. Falta-lhe um ideal, falta-lhe um ambiente, falta-lhe uma organização científica e harmónica com as necessidades actuais. Mas não é desse ensino que tenho de tratar aqui. O que desejo frisar é que o ensino do povo, como eu o concebo, será inteiramente e profundamente diferente do actual ensino oficial[...]

Naturalmente que para levar avante o seu projecto reivindica Ferreira de Macedo:

Os melhores instrumentos pedagógicos têm de ser utilizados, os melhores métodos, os mais perfeitos programas!



A.A. Ferreira de Macedo



B. de Jesus Caraça

Não reste dúvida que se quisermos fazer reviver a Universidade Popular Portuguesa — certamente a melhor homenagem que poderíamos prestar a Ferreira de Macedo e a Caraça — muito temos a aproveitar com as reflexões, empapadas de prática, destes dois matemáticos. Ao deparar com a sua lucidez límpida e simples ocorrem-nos as palavras de mais um matemático, tão perseguido quanto os outros dois; referimo-nos a António Lobo Vilela:

De ora em quando, no meio deste marasmo desolador, ouvem-se rumores abafados de vozes vibrantes que mal encontram eco, como se fossem proferidas no fundo de uma cisterna, ou gritadas num deserto imenso. Essas vozes traduzem o pouco que entre nós ainda sobrevive de sinceridade e de independência moral, mas as condições acústicas do ambiente são tão más que elas se perdem como se fossem simples lamentos de almas impotentes[9].

2. O futuro

A Universidade tal qual existe hoje na maioria dos países democráticos corresponde nalguns aspectos ao ideal de Universidade Popular; a massificação do ensino nesses países ao longo do século XX abriu as portas da Universidade a todas as classes e a Universidade deixou de ser aí em grande medida uma reserva das elites económicas, elites estas que continuam porém a ter o controlo dos meios decisivos de influenciar a sociedade: o ensino e a informação. E que tipo de ensino e de informação é oferecido? O que conduz à formação integral do indivíduo? Não!! e é exactamente por isso que a ideia da Universidade Popular é hoje ainda, infelizmente, de grande actualidade.

O ensino, hoje, em toda a Europa, visa sobretudo e cada vez mais o fabrico de eleitores, consumidores e contribuintes relegando para segundo plano a riqueza individual de cada um e cerceando as formas efectivas de participação colectiva. Só o pensamento e a acção livres, num concerto de diversidade de opinião e de prática solidária, afirma a dignidade humana. Nós, eleitores, consumidores e contribuintes somos ainda *peessoas* que recusam um rótulo único, que sentem a complexidade das coisas, oposta às interpretações simplistas dos meios de informação, que têm imensas dúvidas, que adoram a controvérsia, que desconfiam dos consensos da mediocridade, que suspeitam dos choques de civilizações; queremos enriquecer-nos com a diversidade e não queremos empobrecer-nos na uniformidade. Queremos conhecer mas queremos sobretudo compreender.

A Universidade Popular há-de opor-se aos aspectos negativos da massificação, há-de aceitar a dúvida, há-de promover a controvérsia, há-de dar-nos os meios para compreender o diferente, há-de fazer-nos dizer alto que de nada vale teimar em compreender o desconhecido se há quem se aproveite do conhecimento científico para, à solidariedade, privilegiar a guerra.

As universidades, hoje, em toda a Europa, são sobretudo escolas de formação profissional, donde se pretende que saiam rebanhos de jovens abúlicos sem a consciência do seu decisivo poder e obedientemente tomando o seu assento como os leões no espectáculo do circo; a contenção forçada da nossa juventude nos quadros estreitos de uma participação fictícia onde o pensamento crítico inexistente só pode conduzir a explosões selvagens quer no anonimato do hooliganismo, quer no anonimato dos que no silêncio da sucapa caucionam as guerras em que sem dar por isso nos vemos envolvidos.

A Universidade Popular há-de ser um local onde se adquira a consciência do esforço que ao longo de milénios sempre foi necessário para ter uma ideia nova, nesse esforço persistente consistindo o essencial do espírito científico; há-de ser um local onde se entenda claramente que os erros são necessários para lograr algum acerto e que a ideologia do sucesso é uma fraude publicitária.

As universidades europeias, que na origem eram corporações de mestres e alunos, veiculando na raiz *universitas* a ideia de unidade do diverso, de enriquecimento mútuo, tinham a sua criatividade assente na necessidade de acarinhar a crise permanente, prevenindo a violência de crises maiores; só podiam pois essas universidades combater a especialização prematura criando nos alunos, isso sim, a autonomia necessária para a adquirir mais tarde e da forma mais conveniente. A Universidade Popular não terá por objectivo formar especialistas mas há-de dar ocasião aos especialistas para resgatar para si toda a dignidade de pessoas a que têm direito. A Universidade Popular há-de ser um lugar de libertação para as potencialidades de cada um, e um lugar de reabilitação da dignidade individual e colectiva. A Universidade Popular há-de ser um grito de Liberdade!

A Universidade Popular chamará a si cada um de nós, sem rejeitar qualquer parcela de saber ou de experiência, sendo por demais claro não terem aceite, muitas vezes,

um lugar no terreiro da massificação medíocre, aqueles que são porventura os nossos melhores, rejeitados por uma sociedade que os não conseguiu formatar. Os reformados, e os desempregados, benvindos à Universidade Popular, serão uma minoria no meio da multidão de desenganados que lhe dará vigor e de que todos precisamos. A Universidade Popular libertará em muitos o que há de melhor em si e pretende levar esse somatório de iniciativas individuais ao “despertar da alma colectiva das massas”, como preconizava Bento de Jesus Caraça.[1]

A CGTP-IN, em cerimónia comemorativa do centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, anunciou publicamente, pela voz do Secretário-Geral Manuel Carvalho da Silva, e na presença do Presidente da República, Jorge Sampaio, o seu empenho determinado em levar por diante o projecto da Universidade Popular Portuguesa para o que seria prudente convocar um amplo espectro de colaboradores e de agremiações; pensamos por exemplo na Sociedade da Língua Portuguesa, cuja biblioteca de mais de 50.000 volumes bem poderia constituir um elemento precioso no projecto. Foi então dito que “o papel dos sindicatos, neste conturbado contexto histórico, é difícil mas ainda mais necessário. Aos sindicatos cabe contribuir para ‘promover a cultura dos seus membros’.” Estamos por isso certos do apoio da grande massa dos trabalhadores à futura Universidade Popular Portuguesa como estamos certos da presença do Presidente da República, na futura sessão inaugural em que poderá repetir as palavras que proferiu, na cerimónia do centenário do nascimento, referindo-se a Bento de Jesus Caraça : “Uma parte do futuro a que apontava é o nosso presente”.

Referências

- [1] Bento de Jesus Caraça. *A Cultura Integral do Indivíduo, problema central do nosso tempo*. Cadernos de Cultura Vanguardista, No. 1. Edições Mocidade Livre, Lisboa, 1933.
- [2] Bento de Jesus Caraça. *Conferências e Outros Escritos*. s.ed., Lisboa, 1978 (2a. ed.).
- [3] Ferreira Deusdado. *Educadores Portugueses*. Clássicos da Cultura Portuguesa. Lello & Irmão-Editores, Porto, 1995.
- [4] Alberto Ferreira. *Estudos de Cultura Portuguesa (Séc. XIX)*. Margens do texto,15. Moraes Editores, Lisboa, 1980.
- [5] A. A. Ferreira de Macedo. *A Educação Moral dos Trabalhadores*. Universidade Livre, 1923.
- [6] A. A. Ferreira de Macedo. *A Educação do Povo*. Seara Nova, 1945.
- [7] Armando Myre Dore. O papel da Universidade Popular Portuguesa ao serviço da cultura do povo. *O Erro*, (1), 2001.
- [8] António Ventura. No centenário de António Augusto Ferreira de Macedo. *Rev. da Bibl. Nac.*, (2 (1)), 1987.
- [9] A. Lôbo Vilela. *A Crise da Universidade*,. Renovação Democrática, Cadernos de Cultura Democratista, Figueira da Foz, 1933.

Lisboa, 2 de Novembro de 2001

Paulo Almeida

Nota: Este texto foi publicado na revista *Seara Nova*, nº76, Abril/Maio/Junho 2002, com um título diferente, da responsabilidade da revista.